

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “O TRABALHO EM CENA: ENTRE PERMANÊNCIAS, TRANSFORMAÇÕES, DISPUTAS E RESISTÊNCIAS”

Cristina Teixeira Marins¹

Eduardo José Rezende Pereira²

Maria Júlia Tavares Pereira³

Matheus Oliveira dos Santos⁴

Silvio Rogério dos Santos⁵

As transformações no chamado “mundo do trabalho” nas últimas décadas têm suscitado um debate acadêmico de crescente vigor em níveis nacional e internacional. A aprovação da Reforma Trabalhista de 2017, o avanço acelerado das plataformas digitais de trabalho e as novas formas de organização e controle da atividade laboral combinaram-se para intensificar esse debate, conferindo-lhe uma urgência que transcende as fronteiras da Academia. A chamada “uberização”, para citar apenas um de seus aspectos mais visíveis, tornou-se referência corrente tanto no debate

¹ Antropóloga dedicada à investigação dos impactos sociais das tecnologias digitais, com ênfase nos campos do trabalho e da política.

² Pesquisador de pós-doutorado no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) - Trabalho, Inclusão e Equidade, membro do grupo de pesquisa Trabalho, reformas neoliberais, movimentos sindicais e sociais (Unicamp) e do projeto Conexão - Pesquisa e Extensão em Trabalho (Unicamp).

³ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

⁴ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (PPGCP/IFCH/Unicamp).

⁵ Doutorando e mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

público quanto nas formulações de políticas de governo, revelando como as questões laborais contemporâneas têm o potencial de mobilizar perspectivas muito diversas, da imprensa às centrais sindicais, do Poder Legislativo às associações de pesquisa.

É nesse contexto que este dossiê se insere. Reunindo contribuições oriundas de diferentes campos disciplinares, ele busca explorar as múltiplas dimensões do trabalho na sociedade brasileira contemporânea a partir de um triplo movimento: a identificação de permanências estruturais que resistem às transformações em curso; a análise das mudanças efetivamente produzidas por novos regimes de gestão, controle e regulação do trabalho; e a atenção às disputas políticas e às formas de resistência que emergem desse cenário. Os artigos aqui reunidos se debruçam sobre questões que estão na ordem do dia, como a inteligência artificial (IA), narrativas dominantes, condições de trabalho, formas de resistência e a relação entre trabalho e políticas públicas. Não apenas pela variedade de temas, mas também pela robustez do debate metodológico que propõem, eles representam contribuições das grandes áreas da Sociologia, da Antropologia e da Ciência Política sobre o trabalho, um dos objetos mais importantes e basilares das Ciências Sociais. As fronteiras disciplinares, como os artigos deste dossiê demonstram, não são rígidas: o que encontramos aqui é, antes, um diálogo vivo entre perspectivas, métodos e tradições teóricas distintas, cujo encontro se mostra fecundo justamente porque o objeto em questão – o trabalho, em suas condições históricas e sociais – transcende o escopo de qualquer abordagem disciplinar isolada.

Os artigos que compõem este dossiê cobrem um espectro amplo de situações, setores e abordagens. Uma primeira orientação temática diz respeito ao trabalho plataformizado, que ocupa o centro de vários textos e constitui, possivelmente, o tópico de maior visibilidade no debate acadêmico e público dos últimos anos. Um estudo etnográfico sobre *cicloentregadores* em São Paulo descreve e analisa as dinâmicas de trabalho e as resistências cotidianas de trabalhadores que enfrentam o regime de controle algorítmico das empresas-plataforma. Com base em pesquisa de campo realizada entre 2022 e 2023 em uma zona de pouso próxima à Praça da República, o artigo demonstra como, mesmo em condições de intensa

precarização, os entregadores desenvolvem artimanhas criativas para lidar com as plataformas e sustentar formas relativas de autonomia. Nessa mesma chave, uma etnografia realizada entre 2020 e 2023 no Rio de Janeiro e em Paris examina como categorias como autonomia, empreendedorismo e dignidade se articulam a regimes distintos de (des)regulação do trabalho. A comparação entre entregadores cariocas, que sintetizam sua posição na expressão “CLT nunca mais”, e migrantes *sans papiers* parisienses, que recorrem ao *marché noir* de aluguel de contas para acessar as plataformas, ilumina tanto permanências estruturais quanto rupturas específicas do capitalismo digital. Já um artigo dedicado ao trabalho nas cozinhas de restaurantes de marmitas e fast-food vinculados ao iFood em Florianópolis examina a “outra face da uberização” – aquela protagonizada por trabalhadoras que preparam os alimentos entregues pelos motoboys e ciclistas, ainda amplamente negligenciadas tanto no debate público quanto na produção acadêmica sobre plataformização.

Uma segunda orientação, em diálogo com a primeira, privilegia as dimensões ideológica e discursiva das transformações contemporâneas do trabalho. Os impactos de uma racionalidade neoliberal sobre o setor cultural são o foco de uma etnografia sobre grupos teatrais de São Paulo e seu relacionamento com a Lei de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. O debate situa o trabalho artístico no cruzamento entre política pública, racionalidade neoliberal e práticas cotidianas de criação e organização coletiva. O artigo defende que a política cultural, pensada originalmente em contraposição à lógica de mercado, é progressivamente gerida segundo uma racionalidade neoliberal que estimula a concorrência, promove a subjetivação empresarial e impõe limites à autonomia estética e política dos grupos. Em artigo de caráter teórico-analítico, examina-se como o discurso empresarial sobre a IA pode ser relacionado ao “novo espírito do capitalismo”, conceito formulado por Boltanski e Chiapello, de modo a justificar a disseminação dessa tecnologia. O argumento central é que a IA não inaugura uma ruptura ideológica com o capitalismo vigente, mas aprofunda e renova formas já conhecidas de precarização, controle e responsabilização individual dos trabalhadores.

Por fim, há uma terceira orientação de caráter institucional e político. Um artigo investiga a posição marginal ocupada pelo sindicalismo como tema de pesquisa no interior da Ciência Política brasileira. Por meio do mapeamento de programas de pós-graduação, análise de anais dos encontros da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e levantamento de teses e dissertações, o texto aponta que, apesar das inúmeras conexões entre o sindicalismo e a política, esse tema permanece sub representado nas agendas de pesquisa dos cientistas políticos.

O olhar sobre os trabalhadores como sujeitos ativos, e não resultantes automáticos de dinâmicas estruturais, atravessa o conjunto dos textos. Seja nas micro resistências cotidianas dos *cicloentregadores*, nas ressignificações da política pública operadas pelos grupos teatrais, nas recusas e adaptações que emergem das cozinhas de delivery ou nos sentidos atribuídos ao trabalho por entregadores em São Paulo e Paris, os artigos demonstram que a subordinação algorítmica, a precarização e a lógica neoliberal não se impõem sem fricções, negociações e respostas. Ao mesmo tempo, nenhum dos textos cede à tentação de romantizar a resistência: as formas de agência identificadas são sempre situadas em contextos de assimetria de poder, escassez material e desigualdade estrutural.

Outro aspecto presente no dossiê é a atenção às intersecções entre trabalho e outros marcadores sociais de diferença. O gênero aparece como dimensão analítica central no artigo sobre as cozinhas de delivery, que examina como a uberização se sedimenta sobre estruturas históricas de desvalorização do trabalho feminino; a raça e a condição migratória estruturam as experiências dos entregadores analisados no Rio de Janeiro e em Paris; a posição de classe e território atravessa os modos de inserção no trabalho plataformizado. A atenção a essas dimensões é indispensável para compreender por que os impactos das transformações do trabalho não são distribuídos de forma homogênea na sociedade.

A variedade de abordagens metodológicas presentes neste dossiê também merece ser destacada. Se a etnografia, com seus registros de campo, observações participantes e entrevistas em profundidade é a estratégia mais recorrente nesse número, ela se manifesta de formas distintas: como etnografia urbana junto a trabalhadores em zonas de pouso, como

acompanhamento continuado de grupos teatrais ao longo de anos de pesquisa, como etnografia que cruza fronteiras nacionais para contrastá-las, como inserção em cozinhas e junto a cozinheiras-proprietárias de micro-empresendimentos. A esses registros de base qualitativa somam-se análises documentais, mapeamentos institucionais, levantamentos de dados secundários e revisão sistemática da literatura – procedimentos que, combinados, permitem articular escalas e perspectivas analíticas complementares.

Espera-se que os textos aqui reunidos contribuam para o avanço de um debate que é, ao mesmo tempo, acadêmico e político. O “mundo do trabalho” em transformação nos coloca diante de questões que dizem respeito aos fundamentos da vida social: como se distribui o tempo, o esforço e o risco entre os que trabalham e os que detêm os meios de produção; como são reconhecidos (ou, ao contrário, negligenciados) direitos e dignidade a diferentes categorias de trabalhadores; e como se constroem, no cotidiano das práticas e nos embates das instituições, as condições que tornam o trabalho mais ou menos justo. São questões sobre as quais este dossiê se debruça, com objetivo de contribuir para o aprofundamento do debate.